

Falta espaço para colocar os presos

Celas nas delegacias e na CPE, onde permanência máxima é de dois meses, estão superlotadas

RENATO ALVES

VALÉRIA FEITOZA

Desde que o GDF lançou o programa Segurança em Ação, no dia 25, mais de 70 pessoas já foram presas em todo o DF. A Secretaria de Segurança comemora os resultados. Mas nas delegacias e, em especial, na Coordenação de Polícia Especializada (CPE), o clima é de apreensão. Motivo: não há lugar para colocar os presos e o risco de tumultos por causa da superlotação nas celas cresce a cada dia.

A transferência de 224 detentos do Núcleo de Custódia de Brasília (NCB) para as celas do Setor C da Papuda, prevista para começar ontem, não ocorreu. Ainda falta instalar as fechaduras eletrônicas nos portões e construir sanitários para os agentes penitenciários. De acordo com o engenheiro Nathaniel Bloomfield, responsável pelas obras, a transferência só deve começar, de fato, daqui a duas semanas. Enquanto isso, as delegacias ficam cada vez mais lotadas.

O problema mais grave ocorre na CPE. As 28 celas, que deveriam abrigar, no máximo, 140 detentos, hoje possuem 270. Entre eles, criminosos de alta periculosidade, como assassinos, latrocidistas, estupradores e traficantes de drogas. Outros 40 estão sendo obrigados a dormir ao relento, no pátio onde os presos tomam banho de sol, por absoluta falta de vagas.

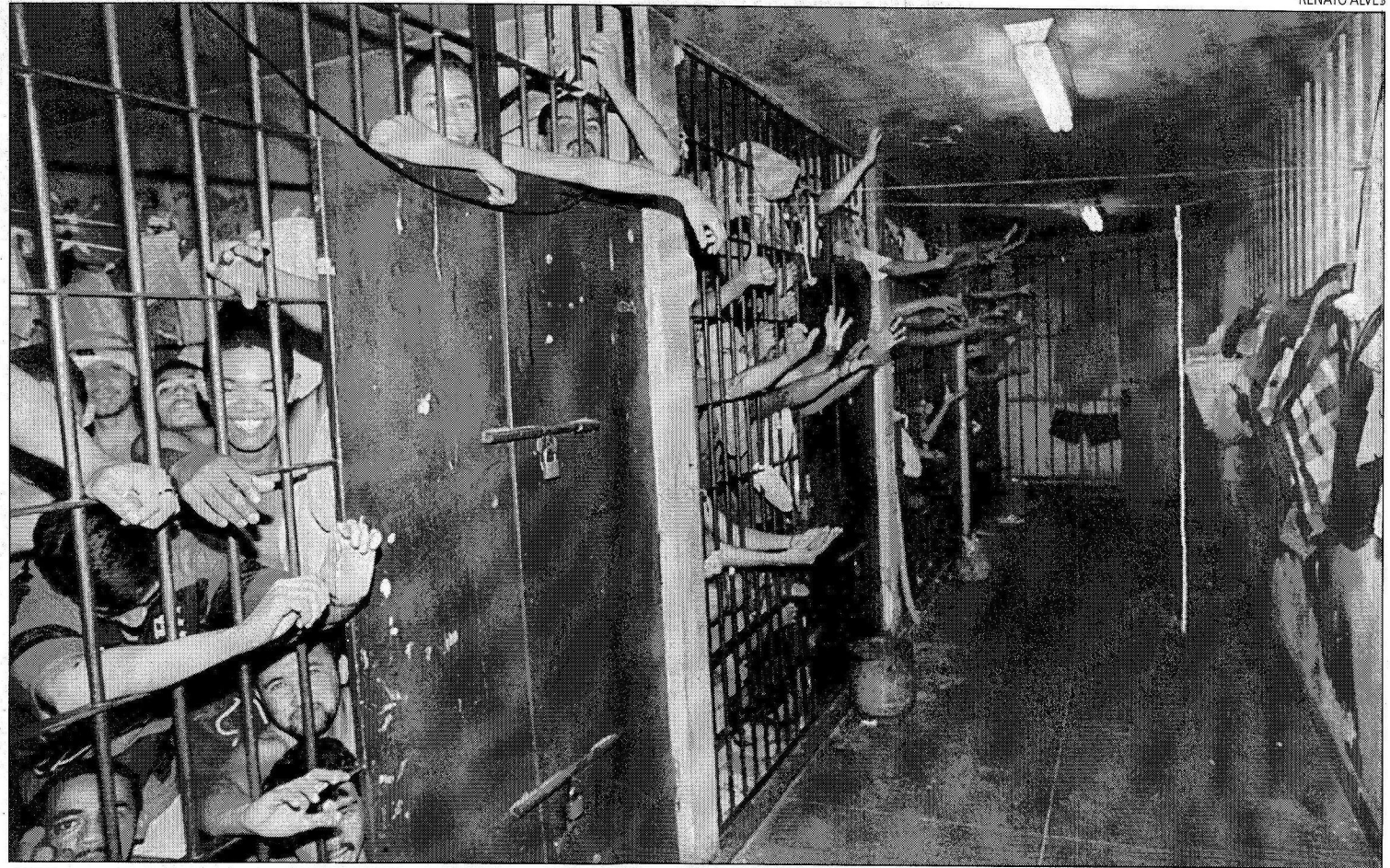
Dentro das celas, cada preso dispõe de pouco mais de meio metro quadrado de espaço. São nove pessoas amontoadas em um local onde deveriam estar, no máximo, cinco. A superlotação chegou a tal ponto que os detentos têm de se revezar para dormir. Se todos permanecerem sentados,

ninguém pode esticar as pernas. Ventilação, só pelas frestas da parede de concreto. Não há janelas nas celas, o ar é abafado e o cheiro de suor incomoda até mesmo os agentes que trabalham no local.

A rigor, um preso só pode ficar na CPE ou em qualquer delegacia por até dois meses. Mas muitos estão ali cumprindo penas, em regime fechado. É o caso de Paulo (nome fictício). Preso por estupro, ele é o detento mais antigo da CPE. Está lá há sete anos. "Eu nunca vi as celas tão lotadas como agora", conta. Paulo revela que os ânimos estão alterados. "Cadeia lotada é um barril de pólvora", diz. "Do jeito que as coisas estão, a qualquer momento pode haver um tumulto ou mesmo uma rebelião", afirma Paulo.

Na CPE, isto significaria um incidente de proporções muito mais graves do que o ocorrido na Colônia Penal Agrícola 5, na Papuda, no dia 17. Só com os gritos dos presos as paredes chegam a tremer. As celas são muito próximas umas das outras e os corredores, estreitos, não conseguem dar vazão a um grande número de pessoas, no caso de ser necessária uma retirada de presos de emergência em alguma ala.

Isto sem falar no número insuficiente de agentes penitenciários para controlar os detentos. A coordenação da CPE, inclusive, já pediu reforço de pessoal. "Os agentes que trabalham lá estão expostos a todo tipo de risco que uma cadeia lotada pode oferecer, desde agressões até serem pegos como reféns no caso de rebeliões", alerta o presidente do Sindicato dos Policiais Cíveis do DF (Sinpol/DF), Fábio Barcellos.



COM pouco mais de meio metro quadrado para cada detento e revezamento obrigatório para dormir, cresce o risco de tumultos

Agentes saem das ruas para a vigilância

Segundo o coordenador do Sistema Penitenciário do DF, Cícero Antônio de Araújo, o problema de superlotação não ocorre apenas na CPE. "Está tudo lotado", admite. Das oito delegacias do DF que possuem carceragem, a campeã em número de detentos é a 26ª DP (Samambaia). Atualmente, as cinco celas abrigam 77 presos, 22 deles já condenados pela Justiça a penas que variam de um a 15 anos de detenção.

"É um número muito grande de presos para a es-

trutura da delegacia", diz o delegado titular, José Herivelto Bernardes. Este ano, nos meses de maio e junho, a situação era ainda pior. O número de presos nas celas chegou a 103. Herivelto explica que, sem condições de mandar mais detentos para a CPE ou para o Núcleo de Custódia, o jeito é fazer adaptações.

O problema, porém, é que o grande número de presos faz com que a delegacia tenha de utilizar mais agentes para vigiá-los. "Hoje, oito agentes, que deveriam estar

nas ruas prendendo criminosos, são obrigados a ficar aqui, vigiando as celas", revela o delegado.

No Complexo Penitenciário da Papuda, a situação também é problemática. O último levantamento divulgado pela Coordenação do Sistema Penitenciário do DF (Cosipe), em maio, mostra que a superlotação em algumas áreas é antiga e os improvisos, inevitáveis. O Centro de Internamento e Reeducação (CIR), onde ficam os presos reincidentes e conde-

nados a cumprir pena em regime fechado, está com a lotação esgotada há vários meses. Lá, existem 1.265 detentos onde deveria haver 588.

Com isso, os criminosos condenados por crimes hediondos começaram a ser alojados no Núcleo de Custódia, uma área do complexo formada por colônias penais agrícolas onde deveriam ficar apenas presos em regime semi-aberto ou que aguardam sentença. O NCB, que tem 1.082 vagas, abriga hoje 1.808 detentos. (V.F.)